

As atuais percepções chinesas de suas relações regionais

Moises Lopes de Souza¹

Resumo

Este artigo visa analisar a perspectiva doméstica chinesa sobre os principais atores e desafios presentes no seu entorno imediato. Devido a questões históricas não resolvidas e ao contínuo envolvimento americano, Pequim invariavelmente vê suas relações regionais serem elementos de escrutínio de um ator "forasteiro" e sem conexões geográficas e culturais com a região. Além de analisar a perspectiva chinesa sobre o atual papel dos Estados Unidos, o artigo também enfoca os dilemas da península coreana, as relações sino-japonesas e as relações com a Rússia. O artigo conclui que, a despeito de acompanhar mudanças no status daqueles atores, Pequim ainda busca manter a estabilidade regional a fim de consolidar seu desenvolvimento econômico.

Palavras-chave: EUA-China; China-Rússia; Relações sino-japonesas; Península coreana; China-Taiwan

INTRODUÇÃO

A natureza das relações regionais chinesas, desde os primeiros momentos do período bipolar (1947-1991), tem sido caracterizada por três dimensões básicas: regional-doméstico, regional-regional e regional-global. Isto se dá devido a estas relações regionais estarem sempre condicionadas a uma ótica triangular imposta pela presença norte-americana em diversos pontos da dinâmica asiática. A consequência primária desta condição é que tudo acaba por se transformar em regional por natureza, mesmo quando as origens históricas de várias questões tenham sido gestadas internamente nestes países. De fato, mais que do que uma questão sino-japonesa, existe uma questão China-EUA-Japão ou China-EUA-Coreia. Essa ótica triangular, por outras razões, também está presente nas relações entre russos e chineses uma vez que estão condicionadas a um cálculo vis-à-vis com a Europa. Este artigo visa analisar a perspectiva chinesa sobre essas questões considerando suas implicações que extrapolam a dinâmica regional.

¹ Pesquisador do Grupo de Ásia do Núcleo de Pesquisas em Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (NUPRI-USP). Pesquisador do the Center of Latin-America Economy and Trade Studies at Chihlee Institute of Technology em Taipei, Taiwan. Vice-Diretor do South China Sea Think Tank em Taiwan. E-mail: moises.asiapacific@gmail.com.

Adicionalmente, impasses históricos não resolvidos permeiam todas as relações chinesas no leste asiático. Impasses diplomáticos envolvendo Taiwan, Coreia, Japão e a própria presença norte-americana são resultados diretos e não resolvidos do espólio da Segunda Guerra mundial que, por questões históricas e geoestratégicas, tornaram-se cada vez mais intrincados e complexos. A questão taiwanesa, por exemplo, passa pelo imperialismo japonês que tomou a ilha em 1895, tem profundas ligações com a própria revolução que levou o partido comunista chinês ao poder, e se conecta com a presença americana na região. Japão e China travam relações políticas baseadas em memórias e traumas que elevam tensões desproporcionais mesmo diante de suas disputas territoriais. Com a Rússia, as relações jamais foram as mesmas desde o rompimento com a antiga União Soviética, e as relações com a Coreia do Norte têm profundo significado histórico-ideológico devido às suas raízes na luta contra os japoneses e, principalmente, devido ao envolvimento chinês na Guerra da Coreia em 1953. Em todos estes casos, a presença americana é entendida por Pequim como um fator agravante às complexidades já existentes e, por muitas vezes, se constituindo como fonte de instabilidades adicionais.

Península Coreana

Desde a decisão da Coreia do Norte de se retirar do Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP), em 2003, e após sucessivos testes nucleares e lançamento de mísseis de médio e longo alcance, o Partido Comunista Chinês vem constantemente reavaliando suas relações com o país de Kim Jong-un. Ao criticar abertamente a decisão de Pyongyang, em sua série de ataques verbais e ameaças aos governos dos Estados Unidos e da Coreia do Sul, em 2013 e 2014, Pequim acaba por reconhecer publicamente que tem consciência de que as consequências de qualquer ação do problemático vizinho têm efeitos diretos na segurança e na estabilidade política chinesa. O dilema no qual se encontram os líderes chineses passa pela constante reavaliação se o apoio ao regime comunista norte-coreano ainda responde aos imperativos estratégicos do passado, e, no limite, quais os eventuais impactos que uma incerta unificação da península coreana traria para a sua segurança doméstica. Dadas as atuais condições estruturais do país liderado por Kim Jong-un, um cenário que contemple a queda do regime devido ao seu total isolamento

internacional e à necessidade de alimentos para sua população não pode ser descartado². Faz-se necessário dessa forma, para uma análise geral da questão, recuperar o porquê de a Coreia do Norte ter se tornado estrategicamente importante para a China no passado, e se os motivos delineados, durante a década de 1950, ainda estão presentes.

Companheiros de Armas

Arquivos norte-coreanos obtidos pelo exército americano em 1950 mostraram que o Exército de Salvação Popular chinês contava com divisões inteiras compostas por soldados de etnia coreana. Estes soldados foram fundamentais nas batalhas de retomada da Manchúria, durante a guerra civil chinesa entre os anos 1945-1949. Outros documentos mostraram que 80% dos oficiais do exército popular coreano tinham lutado na guerra civil chinesa. Em 1950, pelo menos cem mil veteranos do exército coreano tinham atuado ativamente na guerra civil chinesa, "tendo caído juntos na última batalha pela Ilha de Hainan em maio de 1950". Ou, como oficiais militares de ambos os lados costumam dizer, a aliança entre Pequim e Pyongyang foi "selada em sangue" (TKACIK, 2006:144). Antes disto, é importante destacar que a influência chinesa sobre a península coreana data desde os primeiros momentos de formação da nação coreana, há quase 1000 anos. Em 109 a.C., a dinastia Han conquistou a região coreana de Choson e estabeleceu colônias chinesas naquela região. Adicionalmente, através do tempo elementos como o confucionismo e o budismo reforçaram ainda mais o intercâmbio entre os dois lados. Mais tarde, essas ligações culturais se converteram em uma relação tributária da corte coreana em relação aos imperadores chineses, principalmente durante a dinastia Tang (608-907 d.C.) (STEARNS, 2010).

Importância Estratégica

A estes laços históricos entre chineses e coreanos, agregou-se uma importância do ponto de vista geopolítico. Desde meados do século XIV, estrategistas chineses passaram a entender a península coreana como um "corredor para invasões":

² A comunidade acadêmica internacional e serviços de inteligência vêm repetidamente analisando essas possibilidades. Para maiores informações, ver Mason Richey. "Considering DPRK Regime Collapse: Its Probability and Possible Geopolitical and Security Consequences." Egmont Institute Security Policy Brief, August 2015. Ver, também, Ferial Ara Saeed and James J. Przystup. Korean Futures: Challenges to U.S. Diplomacy of North Korean Regime Collapse. Institute for National Strategic Studies Strategic Perspectives, No. 7. National Defense University Press Washington, D.C. September 2011.

primeiro pela Rússia czarista, mais tarde pelo Japão, e potencialmente pelos Estados Unidos. Uma vez que Moscou e Pequim alcançaram um alto nível de cooperação estratégica e após equacionar também seus problemas fronteiriços, a península coreana ainda permanece um nó a ser desatado com relação a Japão e Estados Unidos. Ou seja, ainda baseados na experiência da Guerra da Coreia, estrategistas chineses entenderam o envolvimento americano no conflito como uma ameaça às suas fronteiras na região no nordeste do país, tal qual havia acontecido com os japoneses em 1931 (TKACIK, 2006:147).

No entanto, os interesses chineses vão além de um hipotético e altamente improvável ataque americano a alvos norte-coreanos. Da mesma maneira que a possibilidade de ocupação americana de alguma área do território chinês é também entendida como ainda mais remota. Os interesses chineses são de caráter mais imediato e estão muito mais conectados a um eventual colapso do regime comunista norte-coreano do que a qualquer outra coisa. Colapso esse, que, do ponto de vista chinês, figura sim como absolutamente possível, caso o quadro de miséria e fome em que se encontra a população norte-coreana permaneça em longo prazo³.

A queda do regime comunista implicaria a reunificação da península coreana, e é aqui que Pequim não abre mão de exercer seu controle, mas, pelo menos, uma forte influência nos possíveis resultados deste cenário. Sem embargo, o colapso comunista no norte levaria a reunificação com o sul, criando um país de 70 milhões de habitantes, altamente industrializado e de economia pujante e moderna. Uma Coreia unificada provocaria também o nascimento de um ator com importante capacidade militar como resultado da combinação do contingente militar do norte e suas armas nucleares (caso estas permanecessem sob o controle do sul, o que seria pouco provável) e o arsenal tecnológico de última geração do lado sulista (SHULONG, 2007). Adiciona-se o fato de as duas Coreias ainda demandarem soberania sobre a área das montanhas Changbai (Paektusan para os coreanos), considerada o berço do povo coreano. Ora, em uma região de alta volatilidade, o aparecimento de um vizinho com tamanhas capacidades, aliado a outra

³ O Strategic Global Outlook 2030, publicado pelo Institute of World Economy and International Relations (IMEMO), da Academia Russa de Ciências Sociais, em Moscou, deixa muito clara essa possibilidade. De acordo com o documento que elenca as prioridades estratégicas russas para as próximas décadas, o regime comunista norte-coreano, em se mantendo as atuais condições, manter-se-ia em pé, no máximo, até meados de 2020. Adicionalmente é interessante notar a posição favorável russa por uma unificação coreana como algo positivo para seus interesses nacionais. Ver Alexander A. Dynkin (Ed) (2011). Global Outlook 2030. Moscou: IMEMO Press.

potência militar rival (EUA) e com demandas territoriais, constituiria um cenário que estrategistas chineses consideram como o pior desenlace para a questão coreana (Rozman, 2010). Baseado nesse cenário, existe um consenso entre especialistas de diversas áreas de que o objetivo primário de Pequim é impedir, ou pelo menos postergar na medida do possível, a reunificação coreana (JI, 2010). Em que a unificação aconteça, Pequim quer assegurar uma capacidade de influência a fim de proteger seus interesses nacionais e garantir a retirada ou, pelo menos, o não aumento de tropas americanas às suas portas. Finalmente, outro elemento crucial para a China está relacionado com uma eventual imigração em massa, em caso de queda do regime comunista na Coreia do Norte.

O colapso, de acordo com Pequim, seria precedido por um desastre humanitário sem precedentes, dado o estado calamitoso da economia norte-coreana⁴. Não é por acaso que, a despeito das pressões americanas e japonesas, a China ainda se mantém como um provedor de ajuda humanitária (alimentos e óleo) absolutamente fundamental para evitar um caos social, que empurraria milhões de norte-coreanos às suas fronteiras, da noite para o dia⁵. Em suma, a lógica de "estado tampão" (buffer zone) permanece assim ainda intocada e permeia o comportamento de Pequim nas negociações das seis partes (six part talks). Mais que uma península coreana desnuclearizada, a China quer assegurar o pleno controle em todas as variáveis envolvidas. Se para esta uma Coreia do Norte desnuclearizada é desejável, o mesmo não se pode afirmar sobre uma assertiva e unida Coreia.

Por fim, o dilema chinês em relação à Coreia também possui questões da própria natureza das relações bilaterais. Ainda que Pyongyang seja o último aliado revolucionário remanescente, está claro que este também se tornou uma grande

⁴ Em maio de 2014, a imprensa internacional noticiou a existência do chamado Kyodo Report. Neste documento, supostamente elaborado pelas forças armadas chinesas (veemente negado pela China) e vazado secretamente para a mídia japonesa, há a revelação de que, dentre os planos de contingência contemplados por Pequim, estão a criação de um campo de refugiados na fronteira dos dois países e a prisão de figuras-chave do regime norte-coreano. Ver "China plans for North Korean regime collapse leaked." The Telegraph, 05 May 2014. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/asia/northkorea/10808719/China-plans-for-North-Korean-regime-collapse-leaked.html>. Ver também Shannon Tiezzi "Does China Have a Contingency Plan for North Korea?" The Diplomat. Disponível em: <http://thediplomat.com/2014/05/does-china-have-a-contingency-plan-for-north-korea/>

⁵ As preocupações chinesas neste sentido se baseiam em uma experiência muito clara durante os anos de 1995 e 1998. Neste período a população norte-coreana sofreu uma quase total falta de alimentos. Calcula-se entre um e dois milhões de mortos de fome ou por doenças decorrentes de profunda desnutrição. Ver Marcus Noland, Sherman Robinson e Tao Wang. "Famine North Korea: Causes and Cures". Peterson Institute for International Economics. Disponível em: <http://www.iie.com/publications/wp/99-2.pdf>. Acesso em: 15 de março, 2012.

responsabilidade, um fardo. A Coreia do Norte, além de ser um desastre econômico mantido apenas por ajuda externa, tornou-se uma ditadura "feudal" que a maioria dos chineses não enxerga com bons olhos (JI, 2011). O então líder máximo Kim Jong-un recusou todas as tentativas chinesas de implementar reformas econômicas parecidas com as aplicadas na China pelo Partido Comunista. Na verdade, várias vezes Kim Jong-un chegou a afirmar que o que acontecia na China era uma "traição revolucionária" com elementos de "capitulação ideológica". Kim também se referia ao "dever" dos chineses de pagarem pela segurança que a existência da Coreia do Norte promovia às suas fronteiras, deixando claro que não via a ajuda chinesa como um ato de "favor" (JI, 2011:7). O fato é que, para muitos, a principal fonte de apoio ao regime norte-coreano já não vem das mais altas instâncias do PC chinês, mas essencialmente das forças armadas, principalmente do exército⁶ (SUTTER, 2005).

De forma simples, enquanto os generais do Exército de Salvação Nacional (ESP) veem a Coreia a partir do ponto de vista estratégico-militar, cresce no meio político-civil do PC chinês a ideia de que Pyongyang se tornou extremamente imprudente em termos nucleares. Além de, há muito, ter-se convertido em uma importante fonte de instabilidade social e violência nas áreas do Rio Tumen, na fronteira entre os dois países (FENG & MUSTAFAGA, 2015).

Japão

Durante todo o ano de 2012 e no início de 2013, Pequim e Tóquio novamente se viram engolfadas na disputa pela soberania das ilhas Dyãoiutai/Senkaku⁷. Essas questões, juntamente com a decisão do gabinete de Abe de reinterpretar os aspectos

⁶ Como exemplo, podemos citar o controle, por parte do partido comunista chinês, sobre acadêmicos que publicassem artigos contendo críticas ao regime coreano e o suporte da China a este. Em 2004 a revista acadêmica *Journal of Strategy and Management* foi sumariamente encerrada, por conter um artigo com pesadas críticas às relações bilaterais entre os dois países. No entanto, desde 2013 novos artigos em diferentes revistas vêm sendo publicados com críticas similares às de 2004, sem sofrer nenhum tipo de censura ou ameaça. Especialistas veem isso como um sinal de mudança de postura dentro do PC chinês em relação ao regime norte-coreano. Ver Zhu Feng and Nathan Beauchanp-Mustafaga, "North Korea Security implications for China" in Carla P.Freeman, *China and North Korea: Strategic and Policy Perspectives from a Changing China*. Palgrave-MacMillan, New York: 2015.

⁷ O ápice aconteceu, em setembro de 2012, quando demonstrações nas ruas de diversas cidades chinesas objetivaram empresas e produtos japoneses. Além de protestarem contra a presença japonesa nas ilhas disputadas pelos dois países, a ocasião também marcava o aniversário da invasão japonesa em 1931. Ver "Anti-Japan Protests Mount in China". Disponível em: <http://www.wsj.com/articles/SB10000872396390443720204578000092842756154>

pacifistas da constituição japonesa em 2014⁸, têm pautado o dialogo entre Tóquio e Pequim desde então. Muito embora as escaramuças entre japoneses e chineses, na disputa pela soberania das ilhas Diaoyutai/Senkaku, tenham se tornado algo corriqueiro nos noticiários dos dois países, os chineses vêm monitorando novos elementos no comportamento japonês. Pequim vê um Japão mais ativo regionalmente se formando no horizonte. E essa percepção chinesa não se deve necessariamente ao eventual crescimento da capacidade militar japonesa ou à volta da direita ao poder, em 2012, sob comando do conservador Shinzo Abe, mas, sim, a uma crescente assertividade do Japão em questões regionais e globais, fruto em parte de sua parceria estratégica com os Estados Unidos⁹.

Neste contexto, embora ancorada em uma sólida relação econômica bilateral as relações sino-japonesas passaram a contar com um elemento adicional de tensão. A decisão japonesa de incluir a questão de Taiwan como parte de seu acordo estratégico com os Estados Unidos, em 2005, acendeu a luz amarela para a alta cúpula do partido comunista em Pequim. A Declaração Estados Unidos-Japão de fevereiro de 2005 não somente fez das disputas no estreito de Taiwan objeto de interesse de segurança japonesa, mas também reforçou temas já consolidados como: assegurar a estabilidade na região da Ásia-Pacífico, dar suporte a uma unificação pacífica da península coreana, normalizar as relações com Moscou em torno das disputas territoriais no norte do país, e finalmente desenvolver relações com os chineses "dando boas-vindas ao país a desempenhar um responsável e construtivo papel tanto regional quanto globalmente".¹⁰

Ao mesmo tempo, do ponto de vista chinês, houve uma clara mudança de tom, por parte de Tóquio, no que se refere às relações bilaterais e disputas territoriais entre os dois países, que nada contribuem para o diálogo entre eles. Essa chamada "mudança de tom" por parte do Japão já vinha sendo identificada pela China como "tendências salientes" desde meados da década passada (SUTTER, 2006:176). Neste contexto, o informe de defesa japonês de 2012¹¹ é um exemplo contundente, na medida em que este manifesta

⁸ Japan's constitution change: a brutal violation of its spirit. Disponível em: http://news.xinhuanet.com/english/video/2014-07/02/c_133455889.htm

⁹ China warns Japan over expanding military role abroad. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-asia-34301456>

¹⁰ JOINT STATEMENT U.S.-JAPAN SECURITY CONSULTATIVE COMMITTEE. 19 de fevereiro de 2005. Ministério das Relações Exteriores do Japão. Disponível em: <http://www.mofa.go.jp/region/n-america/us/security/scc/joint0502.html>

¹¹ Defense of Japan 2012. Ministry of Defense of Japan. Chapter 1, section 3. Disponível em: http://www.mod.go.jp/e/publ/w_paper/2012.html

claramente as percepções japonesas diante do crescente poderio militar chinês e suas contínuas intervenções em águas territoriais do Japão, ou em áreas objeto de disputas entre as duas partes (BARUAH, 2012).

De seu lado, a China classificou como "paranoica mentalidade da Guerra Fria" a percepção japonesa com relação à modernização militar chinesa que, de acordo com Pequim, é pacífica e defensiva em qualquer sentido. Para acadêmicos chineses, desde 2010 os informes de defesa japoneses têm mostrado o desvio de rota da política de defesa do país, preparando-o para mudanças em sua constituição. O editorial do China Daily de 2010, ao comentar acerca do mesmo informe de defesa, reforçou ainda mais o profundo desencontro de percepções que cada lado nutre de suas políticas de defesa. De acordo com o editorial, o Japão, ao investir na modernização de suas forças armadas, a fim de prover alta capacidade de mobilidade às suas tropas e concentrar atenção na região sudeste do país, nas fronteiras com a China, adotou decisões "provocativas e uma péssima notícia para seus vizinhos uma vez que estes já haviam sido vítimas do passado militarista japonês"¹². O editorial foi mais a fundo e classificou o informe militar japonês como recheado de "elementos direitistas" da sociedade japonesa, que poderiam levar a uma perigosa tendência de reavivar o militarismo japonês. O texto finaliza dizendo que o Japão, ao "apontar o dedo" para a modernização militar da China, apenas encobre suas próprias intenções militares.

No entanto, em todos os demais informes de defesa de 2013, 2014, 2015 e 2016, o Japão reforçou todos aqueles elementos presentes no informe de 2012 e ainda adicionou a acusação de a China ser responsável por deflagrar uma corrida armamentista em toda Ásia¹³.

A despeito de todo o tom nacionalista que a imprensa oficial chinesa utiliza em relação aos japoneses, os estrategistas chineses têm apontado, de forma mais direta, os câmbios ocorridos no comportamento de Tóquio, na última década, e que ainda estão ocorrendo:

¹² "Japan's military ambition". Editorial, China Daily News, 20 de dezembro de 2010. Disponível em: http://www.chinadaily.com.cn/opinion/2010-12/20/content_11724893.htm

¹³ Ver Defense of Japan. Disponível em: http://www.mod.go.jp/e/publ/w_paper/. Ministério da Defesa do Japão. Acesso em: 30 Ago. 2016.

- O Japão tem aumentado sua já importante capacidade militar reforçando seus laços estratégicos com os Estados Unidos desde 1996¹⁴. Estes acordos têm permitido ao Japão ampliar seu papel em questões estratégicas no leste asiático e na Ásia como um todo. A China destaca que o suporte americano às ações do ex-primeiro ministro Koizumi, em apoiar o esforço de guerra americano no Afeganistão, com o envio de navios ao Oceano Índico, e o apoio japonês no Iraque, em 2003, dado aos americanos, reforçam a tese de que o Japão vem gradativamente se tornando mais assertivo.
- Pequim tem julgado os japoneses muito mais reativos às suas tentativas de influência na região. A decisão japonesa de elaborar uma proposta "rival" e similar ao tratado de livre comércio com os países da ASEAN, no início da década, já havia também sido vista por aquele ângulo.
- A decisão de competir abertamente pelo acesso ao petróleo russo, por meio de um gasoduto oriundo da Sibéria, com o objetivo de alcançar a região do leste asiático (East Siberia-Pacific Ocean oil pipeline - ESPO).
- Tóquio tem aumentado suas ações de exploração marítima de gás, em águas clamadas por Pequim.
- A posição irremovível japonesa com relação à manutenção das visitas de oficiais de alto escalão ao memorial Yasukuni.
- O crescente envolvimento japonês na questão de Taiwan, abrindo consultas diretas com os Estados Unidos e a Austrália, a respeito deste e outros assuntos do leste e sudeste asiático. Sendo os exercícios militares conjuntos que aconteceram, na base americana de Guam, como melhores exemplos deste envolvimento.¹⁵

As relações com o Japão, mais que uma questão de política externa, são um fator que exerce enorme influência no humor da massa chinesa, sendo estas uma questão "emocional" por natureza (SHIRK,2007). Além de objeto de manipulação política por parte do PC chinês que usa e permite as manifestações nacionalistas, nas ruas das grandes

¹⁴ Japan-U.S. Joint Declaration on Security - Alliance for the 21st century - Abril de 1996 (Clinton-Hashimoto Declaration). Disponível em: Ministério das Relações Exteriores do Japão <http://www.mofa.go.jp/region/n-america/us/security/security.html>

¹⁵"Japan, U.S., Australia to Hold 1st Joint Aviation Training in Guam." Maritime Security. Asia. Disponível em: <http://maritimesecurity.asia/free-2/u-s-pacific-command/japan-u-s-australia-to-hold-1st-joint-aviation-training-in-guam-mainichi-daily/>

idades da China, como elemento de pressão nas relações com os japoneses, há ainda também um componente subjetivo. Esse componente subjetivo é composto pela ideia de que se uma confrontação direta contra os Estados Unidos está absolutamente fora de questão para a cúpula político-militar chinesa, já que o país não dispõe de capacidades para fazê-lo, seja econômica ou militarmente, o mesmo não se passa em relação ao Japão. Este país é visto como uma "potência de segunda linha," cuja economia "depende pesadamente do crescimento econômico chinês" (SHIRK, 2007:145). O fato é que tanto China quanto Japão vêm se mostrando cada vez mais incapazes de entender suas relações sem as lentes do passado histórico, e, ao que tudo indica, essa característica ainda permeará as relações dos dois países em curto e médio prazo.

Rússia

Os desdobramentos da crise ucraniana têm levado Moscou e Pequim a um relacionamento mais próximo desde 2014. Os interesses chineses de integração física da Eurásia, por intermédio do plano "*One belt, One road*" (mais conhecido como "nova rota da seda"), embora vistos com certa reserva na Rússia devido a questões estratégicas, foram amplamente aplaudidos, sobretudo em função de seu potencial econômico do qual Moscou muito necessita. Apesar de atados por tratados de cooperação, por questões de segurança energética e por ter solucionado suas controvérsias territoriais, o relacionamento com os russos, em 2016, é entendido em Pequim ainda como "em construção", e muitas questões, todavia, estão para ser resolvidas.

O principal imperativo estratégico chinês, com relação à Rússia, são as relações de Moscou com a Europa e a qualidade destas. Até 2014, o cálculo por parte de Pequim era muito simples: dependendo do relacionamento que a Rússia estabeleça com a União Europeia, este passa a ser um elemento de pressão nas relações com a China. É o que os chineses chamam "Russian European card". Para Pequim, a necessidade russa por acesso a tecnologia e investimentos europeus poderia levar o país para o lado ocidental, o que em tese levaria uma maior aproximação com a OTAN e, conseqüentemente, com os Estados Unidos. O que importa neste caso é que uma eventual aproximação "Moscou-Washington" implicaria o pior cenário, dado o permanente senso de que os EUA estão impondo à China um cerco estratégico, no leste e sudeste asiático (com os acordos de cooperação com Japão, Coreia do Sul, Vietnã e Austrália), e que tal poderia se completar

com a Rússia, no lado norte das fronteiras chinesas (TRENIN, 2012). Por ora, a anexação da Crimeia por parte dos russos em 2014, e as sanções impostas pelas potências ocidentais lideradas por Washington em resposta a essa, fizeram estes cenários absolutamente inviáveis.

Outro aspecto absolutamente presente na pauta das relações chinesas com Moscou são as relações desta com Tóquio. A decisão do Kremlin, em 2012, de bombear óleo cru para Tóquio foi um golpe importante nas relações com Moscou. Além de forçar uma reavaliação da parceria com a Rússia neste quesito¹⁶, o acordo russo-japonês acabou por levar a China a reforçar seus acordos estratégicos de fornecimento de óleo com Arábia Saudita, Omã e Angola (Blagov, 2012). Adicionalmente, um antigo receio chinês veio à tona com o encontro entre Shinzo Abe e Vladimir Putin, durante o *Far Eastern Economic Forum*, em Vladivostok, em maio de 2016. Pequim sempre receou que, mesmo com os problemas territoriais, a Rússia passe a se aproximar do Japão em busca de recursos para desenvolver as áreas da Sibéria e do Pacífico russo. Isso tornaria os japoneses "candidatos a parceiros estratégicos" da Rússia e diminuiria o peso chinês vis-à-vis com Tóquio¹⁷ (TRENIN, 2012).

Essas questões têm reforçado algumas percepções chinesas em relação aos russos. Embora não possa negar a importância de seu vizinho, a China tem mantido uma crônica e quase insuperável visão negativa sobre o seu parceiro¹⁸. Para os chineses, a Rússia que emergiu do espólio soviético é "atrasada, desorganizada e incivilizada" e jamais recuperará o prestígio obtido dos tempos soviéticos, pois está em absoluto e relativo declínio desde os anos 90 (TRENIN, 2012:17, 23). Diante da ainda importância de tal ator, no entanto, a China decidiu manter o relacionamento com a Rússia sob constante monitoramento, a fim de que nenhum evento possa colocar em cheque suas relações com

¹⁶ Coincidentemente, a estatal de petróleo chinesa CNPC denunciou o acordo que tinha com a estatal russa Transneft. A CNPC insiste que os russos respeitem suas obrigações de entregar petróleo através do oleoduto nos volumes mensais acordados, baseada na fórmula de preço que ambos os lados passaram anos costurando. Para os russos, no entanto, esta fórmula passou a não ser aceitável à medida que os preços do petróleo estão sujeitos às oscilações do mercado que, neste caso, fizeram-nos aumentar. Ver John Helmer, "Russia, China clash over oil price, supply." *Asia Times*, 5 de maio de 2011. Disponível em: http://www.atimes.com/atimes/Central_Asia/ME05Ag01.html

¹⁷ Novamente o temor quase paranoico chinês de uma eventual parceria estratégica entre Tóquio e Moscou não seria possível sem as "bênçãos" de Washington, o que, em tese, passaria a ser uma parceria entre Rússia-Japão-Estados Unidos.

¹⁸ Essa visão negativa é bem exemplificada na clássica frase de Deng Xiaoping sobre a assertividade russa nas relações internacionais. Segundo Deng, a única forma de se fazer claro para a Rússia é pelo uso da força, "cortando-lhe os dedos" sempre que necessário. Ver Henry A. Kissinger, "The Future of U.S. - Chinese Relations: Conflict Is a Choice, Not a Necessity." *Foreign Affairs*. March/April 2012.

um país que, se em declínio ou não, hoje é imprescindível para as ambições chinesas de estabilidade social às suas fronteiras. Com isso assegurado, o PC chinês poderá se dedicar às questões cruciais de sua própria sobrevivência direcionando toda a sua atenção aos desafios da manutenção do desenvolvimento econômico chinês.¹⁹

Estados Unidos

O ano de 2010, assim como discutido acima sobre o Japão, também indicou novos elementos no entendimento chinês em relação à presença dos Estados Unidos no leste e sudeste da Ásia. Presença essa que tem gerado cada vez mais desconforto. Desde 2010 o aumento do trânsito das embarcações da sétima frota da marinha americana tem sido cada vez mais objeto de manifestações nacionalistas dos setores mais conservadores da sociedade chinesa e alvo de sua repulsa. Repulsa essa que tem aumentado na mesma proporção que a economia e a capacidade militar da China crescem. A resposta ao *Far Reaching Defense Review* de 2012 foi um claro exemplo desse sentimento. No documento intitulado *Sustaining U.S Global Leadership: Priorities for 21st Century Defense*, divulgado em janeiro de 2012, a administração de Barack Obama, além de delinear os preceitos estratégicos americanos para os anos a seguir, também reforçou o slogan "*The U.S is back*" à Ásia. E, de acordo com o documento, dessa vez para ficar:

"U.S. economic and security interests are inextricably linked to developments in the arc extending from the Western Pacific and East Asia into the Indian Ocean region and South Asia, creating a mix of evolving challenges and opportunities. Accordingly, while the U.S. military will continue to contribute to security globally, we will of necessity rebalance toward the Asia-Pacific region. Our relationships with Asian allies and key partners are critical to the future stability and growth of the region. We will emphasize our existing alliances, which provide a vital foundation for Asia-Pacific security."²⁰

Novamente a reação chinesa veio por meio de sua imprensa oficial. O portal Xinhua, ao comentar a divulgação, afirmou que, a despeito do que está escrito, ao flexionar seus músculos na região, os Estados Unidos seriam muito mais um foco de instabilidade do

¹⁹ No entanto, um novo evento parece ter adicionado mais algumas preocupações à cúpula do PC chinês. Em outubro de 2011, poucas semanas depois da visita de Wladimir Putin à China, autoridades russas anunciaram que haviam prendido um homem de etnia chinesa acusado de espionagem. Ele teria tentado obter documentos sobre a tecnologia de manutenção do sistema de mísseis S300 terra-ar. De acordo com as autoridades russas, a China já teria adquirido esses armamentos da Rússia. O suposto espião estaria operando sob instrução do Ministério de Segurança chinês. Ver "Russia reveals arrest of Chinese man for espionage". BBC News 5 de Outubro de 2011. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/world-europe-15180690>

²⁰ U.S Global Leadership: Priorities for 21st Century Defense. Department of Defense of United States of America. January 2012. Disponível em: http://www.defense.gov/news/Defense_Strategic_Guidance.pdf

que qualquer outra coisa. O jornal afirma ainda que o militarismo americano é a repetição de um "erro histórico" cometido por outras potências no passado que, na tentativa de salvar sua economia, escolheu o militarismo como solução dos seus problemas²¹.

No entanto, do ponto de vista oficial, a divulgação deste documento pela Casa Branca não trouxe nenhum fato novo ao comportamento americano no leste asiático. Por exemplo, a China interpretou que o afundamento do navio de guerra *Cheonan*, em março de 2010, e o ataque à Ilha Yeonpyeong, em novembro do mesmo ano, por parte da Coreia do Norte, serviram dentre outras coisas para justificar e reforçar a presença e os interesses americanos na região. Ou como um alto oficial da marinha chinesa afirmou: "independente de quem sejam os vencedores, os Estados Unidos são os maiores beneficiários" [da crise na península coreana] (YI, 2010: 4). A afirmação se baseia no fato de que os dois incidentes levaram a maciças manobras militares conjuntas por parte das marinhas americana e sul-coreana que, de acordo com os militares chineses, foram "provocativamente" conduzidas nos limites do Mar Amarelo, nas proximidades do território chinês." A presença americana reforçada levou a Coreia do Sul a ver seus imperativos estratégicos ainda mais dependentes da capacidade militar de Washington, ou, mais especificamente, de sua proteção. Essencialmente, a China viu os episódios como um elemento político em favor da manutenção das bases americanas no Japão. Naquele momento estas eram objeto de profunda contestação popular e foram utilizadas como mote de campanha do então candidato Yukio Hatoyama, que, durante sua curta passagem como primeiro-ministro, levou a termo suas intenções de renegociar a permanência das bases americanas em solo japonês. Ao falhar nesse quesito, viu o prestígio de seu gabinete reduzir-se drasticamente diante da opinião pública japonesa (YI, 2010).

Neste contexto, mais dois eventos fizeram do ano de 2010 absoluto simbólico. O primeiro: antes do incidente com o *Cheonan* em março, os Estados Unidos já haviam finalizado o acordo de venda de equipamentos militares a Taiwan, em fevereiro²². O segundo evento consistiu na decisão americana de se envolver nas disputas territoriais

²¹ "Constructive U.S. role in Asia-Pacific welcome, but not warmongering". Xinhua News, 6 de janeiro de 2012. Disponível em: http://news.xinhuanet.com/english/indepth/2012-01/06/c_131346348.htm

²² O fornecimento de armas para Taiwan, em 2010, foi a última parte de um total de duas baseadas nos acordos estabelecidos entre Taipei e Washington, em 2008. O acordo incluiu equipamentos do sistema C4SR (comando, controle, comunicação, computação, inteligência, vigilância, e reconhecimento), helicópteros e outros equipamentos. Para acessar todos os equipamentos adquiridos, ver: "U.S. Arms Sales to Taiwan - Fact Sheet, Major Arms Sales Announced in 2010 (\$6.4 billion) and 2008 (\$6.4 billion)." American Institute in Taiwan, 11 de fevereiro de 2010. Disponível em: <http://www.ait.org.tw/en/pressrelease-pr1012.html>

no Mar do Sul da China, também em 2010, e isso acaba por completar o quadro de profunda desconfiança entre americanos e chineses. Pequim viu a ação como oportunista e desnecessária, uma vez que – do ponto de vista do PC chinês – não há grandes conflitos sobre a questão desde 1988, quando a própria China ocupou as Ilhas Paracel, clamadas por Hanói. Na visão dos chineses, os Estados Unidos não só interferem em outra disputa territorial chinesa, mas também, ao mesmo tempo, tentam criar divisões no processo de integração regional entre a China e os países da ASEAN, opinião que recebeu apoio por parte de países como Malásia e Brunei (Yi, 2010). Ademais, o explícito apoio do governo de Barack Obama às Filipinas em buscar a mediação do Tribunal Permanente das Nações Unidas, em Haia, em 2013, e a consequente resposta positiva deste, em meados de 2016, em favor de Manila, foram outros fatores que reforçaram esta percepção.

Todos esses elementos compõem um quadro quase que obsessivo entre acadêmicos e especialistas em segurança chineses, conhecido como "C-shaped ring of encirclement", ou simplesmente "anel (círculo) de contenção", que supostamente estaria sendo formado ao redor da China pelos EUA, a fim de suprimir o crescimento econômico e militar chinês²³. A combinação desses fatores com informações desencontradas e intensas diferenças culturais têm levado americanos e chineses a um profundo poço de desconfiança mútua. Para a China, todos os movimentos de contenção ou sufocamento às suas pretensões são vistas como típicas de uma potência em decadência ávida em manter sua hegemonia mundial a qualquer preço. Sob o mesmo ângulo, a defesa missionária norte-americana aos valores democráticos (e também da livre navegação como desculpa para a sua presença no Mar do Sul da China) é, para a cúpula política chinesa, nada mais do que uma estratégia americana, com o intuito de gerar instabilidade regional e incitação social doméstica, que consequentemente levariam à divisão e ao enfraquecimento do país como um todo (LIEBERTHAL & JISI, 2012).

Oficialmente Pequim afirma que o "aumento da confiança, redução de conflitos e cooperação" com os EUA respondem aos seus mais expressivos e estratégicos desejos. Mais que desejos, um bom relacionamento com Washington, baseado numa agenda positiva em temas regionais e globais, é visto como absolutamente fundamental para a manutenção do crescimento e desenvolvimento econômico do país. E, por isso, a

²³ O anel de contenção estaria sendo formado desde o Japão, passando por Taiwan, Índia, Afeganistão e Mar do Sul da China.

China garante que não se engajará em nenhuma possibilidade de enfrentamento direto, seja com os Estados Unidos, seja com qualquer outra potência. Contudo, tradições e sistemas políticos diferentes, valores, culturas distintas e incapacidade ou impaciência no entendimento mútuo das dinâmicas domésticas de cada país têm cada vez mais caracterizado as relações sino-americanas.

Considerações finais

Este artigo buscou delinear as atuais questões que permeiam as relações chinesas com os principais atores de seu entorno, a partir de sua perspectiva interna. Devido a questões históricas não resolvidas e ao contínuo e, cada vez mais, profundo envolvimento americano na região, Pequim invariavelmente vê suas questões regionais serem elementos de escrutínio de um ator "forasteiro" e sem conexões geográficas e culturais com a região. A presença americana torna-se, assim, permanente desconforto, reforçado a cada manifestação oficial por parte de Washington, com os relatórios de suas agências de segurança, declarações do departamento de estado ou mesmo presidenciais e incursões de navios americanos em águas que a China considera como parte de seu território. O equilíbrio nessas relações é de profunda importância, não somente por suas implicações regionais estratégicas, mas também por seus potenciais efeitos domésticos desestabilizantes. À medida que o desenvolvimento econômico vem sendo alcançado, mais e mais a nova classe média chinesa tem-se tornado sensível a questões nacionais, principalmente àquelas relacionadas a Taiwan, e às intermináveis tensões com Japão e Estados Unidos. Diante deste cenário, a cúpula que assumiu o controle do governo em novembro de 2012, sob a liderança de Xi Jinping, passou a ter importância adicional, uma vez que será este o grupo que irá conduzir o país em uma década crucial, segundo analistas chineses. Pequim almeja consolidar, no período de 2010 até 2020, seu poderio econômico e ajustar seus desequilíbrios internos, a fim de impor mais intensidade nas questões territoriais ainda não resolvidas.

Se a consolidação do desenvolvimento econômico trabalha em favor da estabilidade social tão prezada pelo partido comunista, a assertividade, nas disputas territoriais com Taiwan e nas disputas territoriais marítimas no Mar do Sul da China, e, em Diaoyutai, por exemplo, implica também assumir o risco de um recrudescimento da resposta dos atores receptores de tais ações, seja diretamente, ou em suas parcerias com

Washington. E a resposta destes Estados, principalmente o japonês, será absolutamente crucial para a manutenção, ou não, da estabilidade e prosperidade da região da Ásia-Pacífico. E tanto a região quanto esta década são absolutamente fundamentais para as pretensões chinesas na primeira metade deste século.

Referências

BARUAH, Pranamita. **Japan's Defence White Paper 2012 and China's Critical Response.** IDSA Comment. August 09, 2012. Disponível em: <http://www.idsa.in/idsacomments/JapansDefenceWhitePaper2012andChinasCriticalResponse_pbaruah_090812>. Acesso em: 30 de Agosto 2016.

BOIK, William (2011). "Understanding the North Korea Problem: Why It Has Become The Land of Lousy Options'". **Letort Paper Strategic Studies Institute**, no 82.

"*Chronology of U.S.-North Korean Nuclear and Missile Diplomacy.*" Arms Control Association. Disponível em: <<https://www.armscontrol.org>>. Acesso 15 de ago. 2016.

DYNKIN, Alexander A. (2011). **Global Outlook 2030.** Moskow: IMEMO Press.

FENG, Zhu. and BEAUCHANP-MUSTAFAGA, Nathan. "North Korea Security implications for China". In: FREEMAN, Carla P. **China and North Korea: Strategic and Policy Perspectives from a Changing China.** Palgrave-MacMillan, New York: 2015.

HAO, Su (2012). "China's Position and Interests in The South China Sea: A Rational Choices in its Cooperative Policies." Paper presented in the South China Sea Papers, September 2012. *Center for Strategic and International Studies in Southeast Asia Program Papers.*

HUGHES, Christopher (2009). "Japan's Military Modernization: A Quiet Japan-China Arms Race and Global Power Projection." **Asia -Pacific Review**, vol.16, no.1, pp. 84-99.

IRVINE, Roger (2010). "Primacy and Responsibility: China's Perception of its International Future." **China Security**, vol.6, n^o 3, pp. 23-42.

JAKOBSON, Linda; HOLTOM, Paul; KNOX, Dean; PENG, Jingchao (2011). **China's Energy And Security Relations: Hopes, Frustrations and Uncertainties**. Stockholm: SIPRI.

JAPAN-U.S. JOINT DECLARATION ON SECURITY - ALLIANCE FOR THE 21ST CENTURY - Abril de 1996 (Clinton-Hashimoto Declaration). Ministério das Relações Exteriores do Japão. Disponível em: <<http://www.mofa.go.jp/region/n-america/us/security/security.html>>. Acesso em: 30 de Agosto 2016.

JI, You (2011). "Dealing with the "North Korea Dilemma": China's Strategic Choices." **RSIS Working Paper**, n° 229.

JIANG, Yang (2012). "China's security challenges: priorities and policy implications". In **Asia Pacific Countries' Security Outlook and Its Implications for the Defense Sector**. NIDS Joint Research Series, 5. Tokyo: National Institute of Defense Studies. Disponível em: <http://www.nids.go.jp/english/publication/joint_research/series5/series5.html>. Acesso em: 15 de Abril 2012.

JOINT STATEMENT U.S.-JAPAN SECURITY CONSULTATIVE COMMITTEE. 19 de fevereiro de 2005. Ministério das Relações Exteriores do Japão. Disponível em: <<http://www.mofa.go.jp/region/n-america/us/security/scc/joint0502.html>>. Acesso em: 30 de agosto 2016.

KOYAMA, Ken (2011). "Progress Made toward Operations of China-Russia Crude Oil Pipeline on Completion of Russian Portion." *Institute of Energy Economics Special Bulletin*.

LIEBERTHAL, Kenneth.; JISI, Wang (2012). "Addressing U.S.-China Strategic Distrust." **John L. Thornton China Center Monograph Series**, n° 4. pp.1-49

MENG, Lai Yew (2011) "Resurgent Nationalism and Changing Perceptions. In: **Contemporary Japan-China Relations**." *IPEDR*, vol.20, pp. 114-120.

RICHEY, Mason. "Considering DPRK Regime Collapse: Its Probability and Possible Geopolitical and Security Consequences." **Egmont Institute Security Policy Brief**, August 2015.

ROBINSON ,Sherman; WANG, Tao. "Famine North Korea: Causes and Cures". Peterson Institute for International Economics. Disponível em: <<http://www.iie.com/publications/wp/99-2.pdf>>. Acesso em: 30 de agosto 2016.

ROZMAN, Gilbert (2010). **Chinese Strategic Thought toward Asia**. New York, Palgrave Macmillan.

SAEED, Ferial Ara. and PRZYSTUP, James J. *Korean Futures: Challenges to U.S. Diplomacy of North Korean Regime Collapse*. Institute for National Strategic Studies Strategic Perspectives, No. 7. National Defense University Press, Washington, D.C. September 2011.

SHULONG, Shu (2007). "The Security Challenges in Northeast Asia: Chinese View" in ROZMAN, Gilbert (ed). **The Security Challenges of the United States in Northeast Asia: Looking Beyond the Transformation of the Six-Part Talks**. Washington, Strategic Studies Institute.

STEARNS, Peter N; SCHWARTZ, Stuart B. et al. (2004) **World Civilization: Global Experience**. New York: Pearson Press.

SUTTER, ROBERT G (2005). **China's Rise in Asia: Promises and Perils**. New York, Rowman & Littlefield Publishers.

TKACIK, John J (2006). "How the PLA Sees North Korea" in SCOBEL, Andrew (Ed) et all. **Shaping China's Security Environment: The Role of The People's Liberation Army**. Washington, Strategic Studies Institute, pp. 139-172.

TRENIN, Dmitri (2012) **True Partners? How Russia and China See Each other**. London, Centre for European Reform.

U.S Global Leadership: *Priorities for 21st Century Defense*. Department of Defense of United States of America. January 2012. Disponível em: <http://www.defense.gov/news/Defense_Strategic_Guidance.pdf>. Acesso em: 30 de agosto 2016.

YI, Yang (2010). "Navigating Stormy Waters: The Sino-American Security Dilemma at Sea." **China Security**, vol. 6, n° 3, pp. 3-11.

Current Chinese Perceptions of its Regional Relations

Abstract

This article aims to analyze the Chinese perspective on key players and issues present in their surroundings. Due unresolved historical issues and a continuous and increasingly American involvement, Pequim invariably sees their regional issues being object of scrutiny of an "outsider" without any geographical and cultural links with the region. Besides analyzing the Chinese perspective on the current role of the United States, the article also focuses on the current questions of the Korean Peninsula, Sino-Japanese relations and relations with Russia. It concludes that despite monitoring changes in the status of these actors, Beijing still is keen to retain the regional stability in order to consolidate its economic development.

Keywords: US-China, China-Russia, Sino-Japanese relations, Korean Peninsula, Cross-Strait Relations